

Crise de autoridade

Os ministros da Fazenda e do Planejamento teriam todos os motivos para se oporem, como o fazem, à idéia de se tentar algo novo na política econômica se a atual fosse um êxito. Como, obviamente, não o é, os que têm razão são aqueles que, no governo, rebelam-se contra o conformismo e a apatia. É claro que, neste fim de governo, não há muito o que fazer, mas é preciso, com diz a cultura popular, "morrer atirando". O Brasil é grande e poderoso demais para aceitar como inevitável uma inflação de 40% ao mês.

O governo não deveria perder a perspectiva, inteiramente realista, de que após a proclamação do Presidente eleito o eixo do poder se deslocará e o seu próprio poder tenderá a volatilizar-se. Isto será um risco sério para a estabilidade econômica se a tendência não sofrer uma pressão em sentido contrário, isto é, não houver manifestação eficaz de que o Governo continua operando. É extremamente importante deixar claro, para os agentes econômicos, que o período que vai da proclamação à posse não é um vazio de poder, porque esta idéia seguramente estimulará a ação dos que ganham na crise. E a ação deles termina materializando a crise.

O vazio de poder, aliás, está se configurando, ainda que efetivamente não seja assim, pela simples idéia de que o presidente da República perdeu as condi-

ções de operar a equipe econômica, a qual opera a si mesma. Também quanto a este aspecto, meramente psicológico, é do interesse da estabilidade econômica deixar transparente à opinião pública que o processo institucional está funcionando, isto é, o presidente da República é quem detém o controle das iniciativas. Generalizando-se a suposição de que quistos de poder autônomo estão se formando no Governo, à revelia da autoridade do Presidente, outros enquistamentos poderão surgir, no governo e fora dele. Estes últimos atentam contra a estabilidade política e criam o cenário da conflagração econômica.

O País, no momento, não dispõe de política econômica. O que opera em nome dela é uma política monetária pouco criativa, orientada para a visão, que os fatos desmentem, de que os juros altos comprimem demanda de bens e serviços. Não só essa política é inócua, como tem sido provado, como é elementar demais. Um simples microcomputador, programado para fazer os juros subirem, cumpriria esse papel com eficiência, com a vantagem de tornar a tática previsível e não espasmódica.

No período que se sucederá à eleição, a autoridade terá de ser exercida com firmeza não só no plano concreto como no plano simbólico. A sociedade precisa de simbologias. É através delas que ela sente a presença do Governo.